

HISTÓRIA ORAL, FIGURAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO SERINGUEIRO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA PRESENTE NA PRAÇA DOS SERINGUEIROS, EM PORTO VELHO.

Jurandir Brasiloto¹

Jefferson Gustavo dos Santos Campos²

Resumo

O presente estudo visa apresentar um esboço analítico acerca da possibilidade interpretativa e polissêmica da figura do seringueiro. Nesse sentido, o objetivo geral versa em analisar como a representação do seringueiro se transfigura em símbolos e significados históricos em uma determinada praça de Porto Velho. Os objetivos específicos norteiam-se na apresentação dos discursos implícitos da representação simbólica constantes na praça dos seringueiros; na descrição de como a estátua do seringueiro presente na praça traduz a história do seringal como marca espacial e temporal de discurso e de identidade. O alicerce teórico será subsidiado, principalmente, por Joutard (2000) e Caldas (1997), no que tange à história oral; por Bakhtin (2003), acerca do texto e do discurso; por Nora (1993), a respeito dos símbolos e da memória dos lugares; e também por Foucault (2008), em arqueologia do saber. Na seara da metodologia, a pesquisa se desenvolveu por via bibliográfica, cuja natureza dos textos e da literatura podem-se localizar nas premissas que atendem o escopo e ao objeto do estudo. Como resultados, depreende-se que há uma variada possibilidades de interpretação da praça dos seringueiros, no que diz respeito aos símbolos representativos marcados pela referida estátua. Assim, concluiu-se: o que há escrito sobre a história contada por meio da história oral dos seringueiros ainda perdura como um símbolo de resistência social e de identidade do personagem histórico, criado ao longo do período de extração da borracha na Amazônia.

Palavras-chave: História oral. Seringueiro. Análise do discurso. Porto Velho.

Abstract

The present study aims to present an analytical sketch about the interpretative and polysemic possibility of the figure of the rubber tapper. In this sense, the general objective is to analyze how the representation of the rubber tapper is transformed into symbols and historical meanings in a square in Porto Velho. The specific objectives are guided by presenting the implicit discourses of the symbolic representation constant in the rubber tappers' square; and describe how the statue of the rubber tapper present in the square translates the history of the rubber plantation as a spatial and temporal mark of discourse and identity; The theoretical foundation will be subsidized, mainly, by Joutard (2000) and Caldas (1997), regarding Oral History. Bakhtin (2003) about text and discourse, and Nora (1993), about symbols and Memory of places. In the area of methodology, the research was developed via bibliographical research, whose nature of the texts and literature it is possible to locate the premises that meet the scope and object of the study. As a result, it can be inferred that there are a variety of possibilities for interpreting the rubber tapper square, with regard to the representative symbols marked by the rubber tapper statue. Thus, it was concluded that what has already been written about the story told via oral history of the rubber tappers still remain as a symbol of social resistance and identity of the historical character that was created throughout the period of rubber extraction in the Amazon.

Keywords: Oral history. Tapper. Speech analysis. Porto Velho.

Introdução

1

Em razão do conflito que perdurou ao longo dos anos 1939 a 1945, a Amazônia sofreu relevantes modificações no que diz respeito à sua ocupação territorial, o que resultou numa nova configuração social, econômica, cultural e histórica desta região brasileira. Esse feito se consumou, conforme salientam Teixeira e Dante (2000), a partir da inserção dos Estados Unidos como mais um país aliado contra os países do Eixo, naquele conflito histórico que foi conhecido como Segunda Guerra Mundial.

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia. Professor de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas, na rede de ensino estadual em Porto Velho, Rondônia.

2 Doutor em Letras/Linguística. Docente do Departamento Acadêmico de Línguas Vernáculas/DALV da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Titular do Grupo de Pesquisa Estudos sobre Discurso e Cultura na Amazônia.

Nessa seara o território amazônico se viu povoado por milhares de pessoas vindas de muitas regiões do país, principalmente do Nordeste, para servir de mão de obra à extração do látex amazônico. Esses trabalhadores ficaram reconhecidos como seringueiros e também como “soldados da borracha” (TEIXEIRA, DANTE, 1998).

Nesse sentido, faz-se importante frisar que o devido enfoque do escopo desta pesquisa delimita-se a apontar como ser possível a interpretação da figura do seringueiro como constituinte histórico e simbólico, reproduzidos através de relatos de história oral transfigurado e representados na praça dos seringueiros, em Porto Velho. De antemão, todavia, revela-se que essa temática se originou a partir da seguinte questão-problema: quais aspectos da história oral podem ser atribuídos para a leitura e a interpretação dos símbolos imagéticos do seringueiro amazônico presentes numa estátua de um seringueiro em um logradouro público?

Nesse sentido, o objetivo geral constitui-se em analisar como a representação do seringueiro se transfigura em símbolos e significados históricos em uma praça da capital rondoniense. Os objetivos específicos norteiam-se em apresentar os discursos implícitos da representação simbólica constantes na praça dos seringueiros; e em descrever como a estátua em questão traduz a história do seringal como marca espacial e temporal de discurso e identidade.

O alicerce teórico será subsidiado, principalmente, por Joutard (2000) e Caldas (1997), no que tange à História Oral; por Bakhtin (2003) acerca do texto e do discurso; por Nora (1993), a respeito dos símbolos e da Memória dos lugares; e por Foucault (2008) em Arqueologia do Saber.

No campo metodológico a pesquisa se desenvolveu por meio de consultas bibliográficas, cuja natureza dos textos e da literatura permite localizar os pressupostos que atendem ao escopo e ao objeto do estudo. A seleção dos textos, por sua vez, obedeceu a um marco temporal de escritos sobre a temática cujas palavras-chave são: Presentes de seringueiros; Seringal; Soldado da borracha e; História oral.

2 História oral e discurso: conceitos elementares

A denominada história oral é reconhecidamente, em seus principais manuais, como um modo procedimental e metodológico que prima pela reconstrução de fontes e documentos, por sua atualização e registro, através de narrativas provocadas, estimuladas e induzidas por fatos testemunhais, versões individualizadas e interpretações polissêmicas e subjetivas (JOUTARD, 2000).

Ainda, segundo o autor, esse procedimento possibilita a criação de estratégias, quer metodológicas, quer analíticas, tendo como intuito fomentar bases de informações extraídas pelo que foi narrado e, como resultado, catalogado como parte integrante da história ainda não revelada por outros meios. Vinculada a essa diretriz metodológica, o ideal desse modo de pesquisar e buscar verdades, ou caminhos para obtê-las passa a figurar como um processo facilitador entre o que o pesquisador buscar saber e o que o falante e/ou narrador de história oral tem a declarar, informar e contar (JOUTARD, 2000).

Ademais, e considerando que essa fala/narração do sujeito ativo da história, ao produzir esses relatos está produzindo texto, inicialmente na modalidade oral, ao ser transcrito para modalidade escrito se configura no processo de comunicação via discurso proferido pelo sujeito que o produziu por meio de recursos lexicais e prosódicos. A esse respeito, Bakhtin (2003), em sua célebre obra “Estética da criação verbal”, defende que o sujeito ao produzir textos, sejam eles orais ou escritos, está, antes de tudo, gerando e difundindo o discurso em que se localizam suas marcas, seus indícios sociais e culturais, por meio do que já fora constituído na interação social deste sujeito com o outro.

Dessa maneira, a par do que propõem Bakhtin (2003), é inteiramente compreensível depreender que o discurso presente na fala/texto do sujeito que a profere traz consigo rastros de suas marcas, de suas idiossincrasias, de seu modo de viver e, principalmente, do conteúdo extraído das vivências pelas quais esse sujeito se situou dentro da história.

Assim, não se pode denegar os pressupostos apontados por Caldas que, ao lecionar sobre interpretação e realidade, a partir dos relatos orais, se confirmam como uma tentativa expressa do sujeito falante em se apresentar como protagonista social, histórico e cultural, dando pistas de que seus relatos possuem veracidade absoluta por ser tratada por quem viveu e dialogou com outros partícipes que contribuíram para sua formação enquanto ser possuidor de identidades.

2.1 A Praça dos seringueiros: memória, representação e interpretação simbólica do sujeito seringueiro

Consta nos informes oficiais disponíveis no site eletrônico da prefeitura de Porto Velho, que a Praça dos

Seringueiros foi inaugurada em oito de novembro de 2018. O espaço público localiza-se no cruzamento de duas importantes avenidas da capital de Rondônia, as avenidas Amazonas e Nações Unidas, que ficam no bairro Nossa Senhora das Graças.

Ainda, segundo o veículo oficial de comunicação do executivo municipal:

O monumento homenageia os pioneiros que, através da exploração do látex, desbravaram a Amazônia e ajudaram desenvolver a região, incluindo Porto Velho. Fica grafado, também, que a praça é uma grande deferência a todos aqueles que contribuíram de alguma forma com o desenvolvimento da Região Amazônica, em especial os seringueiros e suas esposas que trabalharam arduamente na coleta da seringa durante a II Guerra Mundial (PORTO VELHO, 2018).

Vê-se que, assim como localizado em vários outros escritos, inclusive em trabalhos acadêmicos e pesquisas científicas, a figura do seringueiro é sempre contada por alguém. Trata-se do olhar e da interpretação do outro que traz à luz os acontecimentos vividos pelos soldados da borracha. Assim, vale mencionar, que há uma regra elementar acerca das proposições discutida pela epistemologia, bem como a necessidade de desenvolver a atividade precípua da pesquisa. Basicamente, o pesquisador adota o pensamento de poder traçar o percurso metodológico mais apropriado no qual, ao longo das experiências científicas que esse caminho proporciona, retira dele a essência e o fruto resultante da perspectiva analítica que se buscou como métrica a alcançar os resultados.

Desta forma, em se tratando uma vez que o objeto deste estudo é, em suma, analisar como a representação do seringueiro se transfigura em símbolos e significados históricos em uma praça de Porto Velho, fica evidente que o arcabouço trazido por leituras outras dando conta de como a história dos seringueiros é fielmente relatada por eles, resta depreender que o indício das memórias traduzidas se fortalece a cada história e a cada declaração sobre fatos e versões por eles vividos.

É sob essa perspectiva que Nora (1993) faz valiosas contribuições no tocante sobre como se deve interpretar relatos de memórias, inseridas em campos territoriais e de lugares subjetivos que somente podem fazer sentido quando contados pelos protagonistas destas vivências. Nessa corrente de pensamento pode-se inferir que, quando se “lê” uma estátua que reproduz a figura de um ser tão importante para a história da Amazônia, é de que naquela imagem há outras tantas possibilidades de atribuição de sentidos, além daquelas que os escritos oficiais apresentam como verdades absolutas, mas que de fato, não levaram em consideração o que de fato se viveu e se reproduziu enquanto história na época da extração do látex.

Não se pode, portanto, denegar o que é difundido por Foucault (2008), quando o pensador, em sua obra “Arqueologia do saber”, discorre de forma eficaz sobre as possibilidades que a língua em seu efetivo uso pode surpreender no que diz respeito aos efeitos de uso dado aos usuários que a realizam. O próprio Foucault assevera existir uma consistente fundamentação teórica e metodológica para o exercício de uma análise dita “arqueológica”, metáfora que pode ser entendida no sentido de uma investigação da historicidade dos enunciados, uma “escavação”. Embora já se tenha mostrado que Foucault não concebe a língua como seu objeto de estudo, o conceito de enunciado desenvolvido no decorrer dessa obra oferece ferramentas ao pesquisador que trabalha com a língua em uma perspectiva foucaultiana.

E se se pensar que a proposta foucaultiana alude que a língua não é por si só um estatuto possuidor de estabilidade sêmica, como bem propôs teóricos estruturalistas com o seu modelo de rede em que o processo de construção da referência das coisas e objetos atendem uma pré-formação já estabelecida pelos operadores do processo comunicativo. É isso, portanto, que Foucault (2008) insinua em seu pensamento arqueológico: os saberes transmitidos pelos executores da língua obedecem a uma ancestralidade prévia que diz muito sobre o que já se viveu e o que se operou enquanto sujeito ativo.



Fonte: Acervo da Prefeitura de Porto de Velho.

A partir desta estátua, que não é somente uma figuração simbólica representativa do homem do seringal, mas é também uma imagem-texto de vasta possibilidade sêmica, depreende-se que nela, há informações, conteúdos e narrativas que nem mesmo os escritos oficiais puderam descrever. O que se sabe das vivências originais dos seringueiros somente podem ser reproduzidos por eles mesmos, de forma autônoma e autêntica. Isso coaduna com os pressupostos de pertencimento proposto por Nora (1993), uma vez que segundo o autor, busca-se, antes de tudo, compreender a trajetória de vida e que significado tem a mesma para os soldados da borracha, além de procurar entender como se deu a formação real e simbólica ou oficial deste grupo, tendo como pano de fundo suas próprias falas e narrativas sobre o significado e a relevância de cada vivência na época da extração do látex.

Nas palavras de Teixeira e Dante (1998), “um fato relevante que se deve destacar diz respeito ao porquê da definição de o seringueiro ser denominado de soldado da borracha”. Esse questionamento do pesquisador também pode ser ilustrado pela estátua presente na praça, descrevendo estes elementos como homens fortes, desbravadores e destemidos, como se vê na imagem acima. No entanto, esse homem nordestino, que veio para a Amazônia em busca de sonhos e fugindo da seca, sagrou-se como um verdadeiro ser capaz de suportar as intempéries da natureza e as adversidades ainda não conhecidas até então por esses trabalhadores. Nesse sentido, os que para a Amazônia migraram, chegaram, portanto, com a épica tarefa de ocupar os seringais da região, representando a valentia do homem nordestino que, com seu instinto pioneiro e incentivo do governo Vargas, iria livrar a região de imagem de “Inferno Verde”. Uma empreitada que era entendida pelo pensamento político de Vargas como parte de construção da nação, uma vez que se reconhece a “importância do espaço territorial como elemento constitutivo da identidade nacional”.

Essas representações foram construídas em consonância com premissas de construção de um novo Estado, dosando ideais de modernidade e tradição. Todavia, apesar do apogeu do ciclo da borracha, este ciclo passou a declinar e a diminuir suas demandas de produção, resultante da produção de borracha em outros territórios e fora do Brasil. Desse modo, os que na Amazônia permaneceram tiveram que se adaptar à selva e buscar uma forma de sobreviver às intempéries encontradas.

O declínio do ciclo da borracha para a exportação, em Rondônia e Acre, deu-se nos anos de 1948 a 1950, em consequência da produção da Malásia satisfazer a demanda da matéria-prima para o comércio internacional, apesar do comércio local de Rio Branco e Porto Velho ainda ter saída em pequena escala até

meados da década de 80 (TEIXEIRA, 1993).

Vejamos, portanto, a imagem abaixo e tentemos verificar quais os aspectos já mencionados aqui neste escrito no que diz respeito ao que já foi relatado em outros estudos sobre a história contada pelos seringueiros sobre suas vidas econômica, social e cultural representadas na exposição da estátua.

Imagem 02: Estátua do seringueiro



Fonte: Acervo da Prefeitura de Porto Velho.

Lê-se, na imagem, uma representação semântica de um homem seringueiro com suas indumentárias características: *poronga* (espécie de lamparina) na cabeça; faca de seringa (também conhecida como *cabrita*) e; um par de botas emborrachadas. Acerca do léxico das palavras *poronga* e *cabrita* suas definições encontram-se registradas em estudo realizado por Macedo e Macedo (2020), cujo trabalho propôs descrever um glossário com o nome dos instrumentos utilizados por elemento amazônico.

Fica evidente que a imagem exposta na praça dos seringueiros reproduz, em tese, a imaginária figura representativa daquele que foi o homem do seringal, e que suas indumentárias reforçam, ainda mais, a hipótese de que, através delas, pode-se elucidar as marcas linguísticas reveladas pelos nomes dados aos instrumentos de trabalho, conforme descreveram Macedo e Macedo (2020). A nomenclatura *poronga* é pouco provável de ser localizada em um dicionário tradicional tendo como significado lamparina que fica sobre a cabeça do seringueiro. Isso evidencia a riqueza linguística e cultural carregada pelos homens incumbidos de produzir a borracha da Amazônia.

A esse respeito da variedade linguística Macedo e Macedo (2020, p. 56) discorrem:

Desse modo, compreende-se que é por meio da língua que o ser humano expressa as ideias de sua geração e da comunidade a que pertence, A todo instante a língua é utilizada de acordo com a tradição que lhe foi transmitida e, desse modo, contribui seja para a inovação, a conservação ou variação e/ou mudança da linguagem, uma vez que estuda os falares regionais com suas delimitações geográficas, caracterizadas por diferenças próprias sejam na fonética, no léxico ou na morfossintaxe.

Substancialmente, outro aspecto que se pode verificar com relação à imagem da estátua na praça, diz respeito ao traço físico idealizado do seringueiro como um homem forte, musculoso, denotando que tal força estaria vinculada à questão dos perigos e das adversidades que ele enfrentou na selva amazônica. Assim,

embora a maioria dos imigrantes dessa época fossem originários do Nordeste, onde a pobreza e a fome imperavam em razão da seca, o artista que criou e esculpiu a estátua do seringueiro lhe atribuiu o aspecto físico e robusto, como forma de representação do pioneirismo e espírito de coragem para explorar não somente o látex, mas a temível selva ainda pouco conhecida.

Considerações finais

É de um todo complexo chegar ao final de uma pesquisa onde se fez necessário consultar uma vasta literatura acerca de um tema que sempre chamou à atenção de pesquisadores, principalmente historiadores e geógrafos, e precisar pormenorizar o tema reduzindo-o àquilo que fora de interessante para seu objeto e para a sua problematização. Porém, não se detém, aqui, essa intenção. Pelo contrário, intenta-se apresentar como a partir do material coletado na pesquisa bibliográfica, se consumou a leitura imagética da estátua do seringueiro presente na praça do seringueiro.

Vimos que o método de pesquisa ainda muito eficaz, se faz presente no arcabouço dos pressupostos da história oral. Através dela, foi oportunizado verificar em outros escritos como o seringueiro avalia o momento histórico pelo qual passou, como descreve em os seus saberes de vida e o que o período áureo da borracha representou social e culturalmente para sua manutenção enquanto ser, enquanto cidadão.

Ademais, e o ponto principal da pesquisa verificou-se na tipologia da análise que foi permitido fazer da estátua da Praça do Seringueiro: uma estátua semanticamente repleta de polissemia e simbolicamente rica em linguagens do lugar de onde os seringueiros viveram para, de forma involuntária, atender os desejos dos senhores da Segunda Guerra Mundial.

Vale destacar, também, que a pesquisa desenvolvida apontou que na Amazônia a batalha do seringueiro pela vida continua perante as adversidades vividas, a resiliência do indivíduo e/ou grupo social dá o sustentáculo para o surgimento da exploração e resistências às tramas impostas pela lógica da produção que molda o espaço, conforme cada período em que o mercado requer a demanda pela borracha. Este processo desestabiliza identidades e metamorfoseia os modos de vida das pessoas em seus territórios vividos, deslocando-os para outros espaços.

Para produzir este estudo, com a narrativa da contada pelo seringueiro foi preciso, antes de tudo, mergulhar no seu mundo. Ouvir a voz e dar a vez a um passado e uma cultura que está, dia pós dia se silenciando. Rememorar a história vivenciada pelos soldados da borracha é compreendê-la na sua dimensão mais intersubjetiva e plural; é percorrer experiências vividas, edificações de vida, aprendizagens e conhecimento.

A estátua da praça, embora construída e representada com um semblante de avidez, exala pela sua história um passado de miséria e sofrimento que ainda assola muitos seringueiros que sobreviveram a esse passado obscuro.

Hoje, o seringueiro, expropriado e excluído do seu lugar de pertencimento, busca através da resiliência, ressignificar a vida em outros espaços que, em sua maioria, acontece no contexto urbano. Analfabetos e sem qualificação profissional, eles estão à margem do sistema e buscam se afirmar diante das necessidades elementares de sobrevivência. Dificilmente conseguem acompanhar e compreender as demandas das atividades profissionais urbanas. Algumas mulheres procuram trabalhar em casas de família e em restaurantes e os homens, por sua vez, em serrarias ou realizando trabalhos na modalidade de “empreita” nas fazendas. Não possuem a intenção de acumular riquezas, permanecem com a sua vida serena na cidade e, em alguns casos, e períodos do ano, atravessam o rio Abunã e penetram as florestas bolivianas. O seu saber e fazer pertence a outro mundo, aquele da ligação com a terra, com a natureza, com o ar fresco e com a água. Os mais velhos dizem se sentir sufocados na cidade, mas, pelas doenças e por não possuírem outro lugar preferem estar mais próximos aos recursos como médicos e hospitais. Não são agitados; alguns procuram alçar a voz para dizer que querem voltar à terra, enquanto outros vão vivendo de suas aposentadorias, ajudando e sendo ajudados pelos filhos e netos sem pensar no acúmulo de bens.

Dessa forma, consolida-se uma identidade, pois isto os faz diferentes de outros grupos pela maneira de ser e agir diante da vida. Essa identidade não é fixa, pois ao sair de seu habitat recebem novos costumes, crenças, linguagem e hábitos transmitidos também aos seus. É uma troca de experiências que se mescla consolidando uma cultura híbrida. Nenhum grupo se desvincula completamente dos seus saberes.

Referências



ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **As dobras do dizer: da (im)possibilidade da história oral.** In: _____ . História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI, Ecléa. “**Tempos Vivos e Tempos Mortos: A Substância social da Memória - sob o signo de Benjamin (Walter Benjamin).**” In: O tempo vive da memória: Ensaio de Psicologia social, por Ecléa Bossi, 16 p. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BENCHIMOL, S. **Depressão, Débâcle e Bancarrota, 1994.** Disponível em <http://www.amazonia.mdic.gov.br/public/arquivo/arq1307405272.pdf>. Acesso em: 10 jan. de 2023.

CALDAS, Alberto Lins. **Interpretação e Realidade.** Caderno de Criação, UFRO/Dep. de História/CEI, n.º 13, ano IV, Porto Velho, setembro, 1997.

_____. **Seis Ensaio de História Oral.** Caderno de Criação: 37/57, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº15, ano V, Porto Velho, junho, 1998.

COSTA SILVA, Ricardo Gilson da (Organizador). **Porto Velho cultura, natureza e território /** Ricardo Gilson da Costa Silva. 1ª Ed. Temática Editora; Edufro. Porto Velho / RO, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à História Oral do Século XXI. História Oral: Desafios para o século XXI.** Fiocruz: Rio de Janeiro, 2000.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares,** In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. FONSECA, Dante Ribeiro. **História Regional: Rondônia.** Editora Rondoniana, Porto Velho, 1998.